

SER ARTISTA EM UM PLANETA EM CRISE

BEING AN ARTIST IN A PLANET IN CRISIS

Matheus Ezequiel de Oliveira Meireles / UFG

RESUMO

A crise da pandemia global de covid-19 tem desafiado os empreendimentos humanos, colocando-nos face a face com o colapso. A urgência desta situação demanda estudos desde abordagens diversas, críticas e criativas para ampliar nossas possibilidades de compreensão e atuação diante deste problema. Neste artigo, diálogo com teóricos críticos para pensar minha prática artística e o que posso aprender com ela nestes tempos de crise. Tenho como objetivo destacar a contribuição dos processos de criação em poéticas visuais para a mitigação do estado de crise de nosso planeta e defender a importância de voltarmos nossos esforços para a construção de futuros mais sustentáveis.

PALAVRAS-CHAVE

Artes Visuais; Poéticas artísticas; Antropoceno; Pandemia; Crise.

ABSTRACT

The global pandemic crisis of covid-19 has challenged the human enterprises, making us face the collapse. The urgency of this situation demands studies from diverse, critical and creative approaches to expand our possibilities for understanding and taking actions about this problem. In this paper, I dialogue with some critical theorists to think about my artistic practice and what I can learn from it in these times of crisis. My objective is to highlight the contribution of the creation processes in visual poetics to mitigate the state of crisis on our planet and to defend the importance of turning our efforts towards building more sustainable futures.

KEYWORDS

Visual arts; Artistic poetics; Anthropocene; Pandemic; Crisis.

Introdução

Os impactos a níveis globais e pessoais da pandemia de covid-19 afetaram profundamente minhas práticas de pesquisa impondo barreiras, dificuldades e novos problemas urgentes. Nos últimos anos, venho atuando como artista e pesquisador no Planetário da Universidade Federal de Goiás (UFG), um estágio/residência que resultou em um trabalho de conclusão de curso e, atualmente, uma pesquisa de mestrado. Nesta última instância, estava a investigar processos de criação interculturais e poéticas ativadas por práticas artísticas colaborativas entre a equipe do Planetário e estudantes indígenas da UFG. Com o advento da pandemia e em consonância aos esforços para contê-la, os processos presenciais do projeto foram suspensos em sua fase inicial e o Planetário foi fechado por tempo indeterminado.

Tanto os espaços físicos e tecnologias do Planetário, como as reuniões presenciais do grupo intercultural eram essenciais, portanto, por enquanto as alternativas virtuais pareciam insuficientes para prosseguir. Os prazos formais do mestrado, no meu caso, até então não serão ampliados, então precisei adaptar minha pesquisa e seguir com ela a qualquer custo. O custo foi alto, tive de abdicar da prática que era objeto central do meu estudo, mas a essência da minha pesquisa tem residido na minha experiência como artista no Planetário, portanto parti daí para as novas direções que podia vislumbrar. Contudo, não fui capaz de ignorar a crise que está a se desenrolar no mundo todo e iniciei uma pequena dispersão para pensar as implicações da pandemia do coronavírus desde uma perspectiva artística poética em diálogo com abordagens teóricas críticas. Assim tento compreender melhor como essa crise afeta e pode ser afetada por meio do meu trabalho como artista.

O peso do mundo

Os meus processos criativos em tempos de isolamento social me levaram ao diálogo com alguns teóricos como Ângela Davis (DAVIS, KLEIN, 2020), Ailton Krenak (2020) e Boaventura Souza Santos (2020), que consideram a crise resultante da pandemia de covid-19 como um agravamento do estado de crise constante da humanidade, a crise do antropoceno perpetuado pelo sistema capitalista. Portanto, pode-se afirmar que os maiores desafios enfrentados na pandemia apenas evidenciam problemáticas dos nossos constructos sociais (DAVIS, KLEIN, 2020; KRENAK, 2020; SANTOS, 2020). Em *O Gigante Cansado* (figura 1), poeticamente lhe convido a refletir sobre o mundo pesado que nossa espécie construiu e tentamos sustentar. Em muitos de meus processos artísticos, venho explorando as sombras do antropoceno que se tornaram

insustentáveis e no atual momento pandêmico voltam à tona em minhas investigações.



Figura 1. Matheus Meireles. O Gigante Cansado, 2016. Desenho.
Caneta esferográfica sobre papel. 21 x 25 cm. 2016.

Krenak (2020) e Santos (2020) explicam que as crises da humanidade, esses nossos pesos, advêm dos sistemas milenares de exploração, consumo e acumulação de riqueza. Para Krenak (2019, p.34) “nós estamos hoje vivendo o desastre do nosso tempo, ao qual algumas seletas pessoas chamam Antropoceno. A grande maioria está

chamando de caos social, desgoverno geral, perda de qualidade no cotidiano, nas relações, e estamos todos jogados nesse abismo”. Eles pontuam que essa exploração é direcionada aos humanos – evidente nas desigualdades sociais, e ao meio ambiente – evidente na destruição, dominação e consumo dos demais seres, ambientes e energias do planeta (KRENAK, 2020; SANTOS, 2020). Porém Krenak (2019) chama atenção para que essas esferas não se separam, ambos significam a destruição da natureza, que inclui os seres humanos e todo o cosmos. Em primeiro momento, essas questões podem parecer não relacionadas com a pandemia, porém Santos (2020) e Krenak (2020) apresentam essa realidade como a fonte da maioria dos problemas sociais, que constituem e afetam as sociedades humanas, que quando colocadas à prova de uma grande pandemia beiram ao colapso.

Com isso em vista, pode-se afirmar que a pandemia é um problema inicialmente biológico, porém a crise gerada é social (FIOCRUZ, 2020; SANTOS, 2020). Para Ângela Davis (2020), além do capitalismo global ser o responsável pela crise, é também ineficaz em solucioná-la. Santos (2020) concorda ao demonstrar que os governos com menos aspectos políticos neoliberais como China, Taiwan, Singapura e Cuba são os que têm gerido melhor a crise pandêmica. Isso porque, como explica Santos (2002), nos países com lideranças de extrema-direita a ciência tende a ser desacreditada e receber poucos investimentos, os sistemas de saúde são geralmente privados ou sucateados quando públicos, a rede de informações são fragilizados pela propagação de notícias falsas e polarização ideológica, há um grande esforço político para minimizar os impactos da pandemia e com isso legitimam seus discursos sobre salvar a economia – e não as vidas humanas. Portanto, Santos (2020) acredita que as medidas que vem sendo tomadas globalmente atuam nas consequências da crise e não em sua causa: o sistema capitalista que vem destruindo a vida, estratificando a sociedade, concentrando riquezas e mercantilizando as relações humanas.

Em 2012, o artista Steve Cutts lançou através do YouTube um filme curta-metragem de animação chamado *Man*, em que um personagem humano percorre a natureza destruindo tudo o que tem contato, e assim cria seu império (CUTTS, 2012). Agora em 2020, em referência a este trabalho anterior, Cutts (2020) lançou uma nova animação chamada *Man 2020* em que, com o humano de quarentena, a natureza prospera e festeja (figura 2). Porém, com o fim do isolamento, o personagem humano mal sai de casa e já mata um inseto (figura 3), uma cena similar ao início do curta *Man* de 2012, indicando que com isso o ciclo de destruição recomeça – se é que parou em algum momento. Santos (2020) se pergunta se não somos como um vírus para a Terra, visto que as diminuições de atividades humanas de fato resultaram em alguns impactos positivos no meio ambiente, embora efêmeros comparados aos danos que já foram causados pela espécie humana.

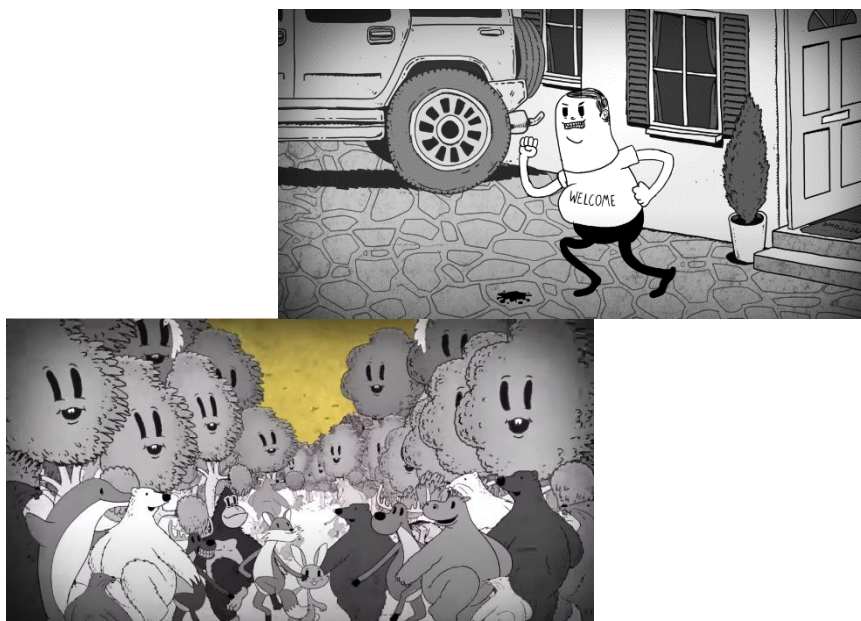


Figura 2 e 3 – Frames do curta-metragem Man 2020, Steve Cutts, Youtube, 56'. Fonte: CUTTS, 2020.

Mesmo que os desafios da pandemia possam ser contornados e os humanos voltem para a sua 'normalidade', Santos (2020) e Krenak (2020) acreditam que estaremos caminhando para novos fins e, possivelmente, outras pandemias e crises que podem ser ainda piores no futuro. Em um estudo multidisciplinar, Ann Druyan (2020) afirma que o impacto negativo da espécie humana no planeta é tão grande que caminhamos para grandes cataclismos climáticos, crises ambientais e, provavelmente, para a extinção da nossa espécie e de muitas outras com as quais compartilhamos a Terra. Portanto, são tão necessários os esforços para superar essa pandemia, quanto são indispensáveis as revisões das dinâmicas sociais humanas em vista de diminuir os danos impostos ao planeta e garantir algum futuro não apenas para nossa espécie, mas para diversas outras (SANTOS, 2020; KRENAK, 2020; DRUYAN, 2020).

As artes e a criação de mundos

Ailton Krenak (2019) nos provoca a buscarmos *ideias para adiar o fim do mundo*. Nesta reflexão, Krenak (2019) apresenta algumas perspectivas que chamaram atenção por sua simplicidade e, ao mesmo tempo, complexidade de aplicação. Talvez, a principal ideia defendida por ele (KRENAK, 2019 e 2020) é a consciência de não-separação entre o ser humano e a natureza: um organismo formado por diversos seres que, mesmo os considerados inanimados, tem história, personalidade, essência e também são dignos de respeito – ideias presentes na cosmovisão de vários povos que foram subjugados pelo antropoceno às margens da 'humanidade'. Essa concepção, segundo o autor

(KRENAK, 2019), pode ser uma fonte de humildade ao compreendermos que o ecossistema da Terra é uma fonte inesgotável de aprendizado e abundância, que não depende dos humanos e é agredida por eles, por outro lado, os humanos dependem totalmente deste ecossistema para sobreviver. Ailton Krenak (2019) também vê um poder transformador nos sonhos, reconhecendo que para alguns povos o sonho tem papel fundamental no aprendizado, nas tomadas de decisões, na construção criativa e imaginativa do cotidiano.



Figura 4. Matheus Meireles. O peso do mundo. Arte digital. 2016.

Essas ideias me atravessam como ativadoras para reimaginar o mundo antropocênico, portanto elas acabaram por impactar meu processo artístico como uma possibilidade metodológica de composição poética. O peso do mundo (figura 4) nasce deste processo em que essas reflexões teóricas transformavam ao mesmo tempo em que eram transformadas pela minha prática artística. Assim, imagino a Terra poeticamente, com rosto, personalidade e essência. Em diálogo teórico com Krenak (2019), questionei-me se talvez uma imagem ‘humanizada’ do planeta não seria capaz de inspirar mais empatia e comoção pelo planeta, geralmente objetificado. Ao mesmo tempo, poeticamente, me conecto com a ancestralidade de Ailton Krenak – tudo fez sentido quando descobri em seu livro (KRENAK, 2019) que Krenak significa cabeça da terra.

Assim como Steve Cutts (2020), criei um trabalho em meio à pandemia que também se relaciona com um trabalho pessoal antigo. A ideia inicial de *O Peso do Mundo* surgiu da reflexividade acerca do *O Gigante Cansado*, anos depois e em um contexto totalmente diferente, mas como uma expressão atual de uma poética que nasceu no *Gigante*. Em um primeiro impulso pensava em adicionar representações de prédios, torres, chaminés, estradas e queimadas na cabeça dessa Terra triste e cansada. Porém, em contato com as ideias de Krenak (2019) decidi fazer o exercício metodológico do sonho e imaginar uma Terra com uma feição ancestral divina, forte em sua existência e plena em sua essência. Uma Terra que ainda vive, e ainda é possível, reimaginada para além do antropoceno.

Os trabalhos de investigação artística podem, como afirma Patricia Leavy (2018), contribuir com novos insights, neste caso, a respeito das problemáticas do antropoceno que são evidenciadas com a crise pandêmica. Leavy (2018) ressalta que “pesquisadores que exploram o poder das artes estão fazendo isso para criar maneiras novas de ver, pensar e se comunicar.” (LEAVY, 2018, p. 3, tradução nossa¹). Em *O peso do mundo* (figura 4), exploro essas possibilidades de um modo poético ao criar uma representação estética que pode despertar reflexões sensíveis diversas. Neste sentido, a “arte como uma prática crítica não soluciona; ao invés disso interroga, e nessas elaborações, cria um espaço de libertação” (MILES, 2000, p. 231, tradução nossa²).

Para Costa, Fonseca e Axt (2014), em contraponto à ciência positivista que tenta reduzir os saberes e estipular verdades excludentes, as operações artísticas permitem a articulação de um conjunto de relações ensaísticas. Ou seja, permite pensar os problemas através de diversas abordagens e, assim, contribui para multiplicação de perspectivas e enriquece nossas visões de mundo: “uma gama diversa de perspectivas singulares podem coexistir possibilitando a experiência concreta (afetiva, intuitiva,

pelo olhar) de uma alteridade rica e complexa” (COSTA, FONSECA, AXT, 2014, p. 1160). Neste sentido, afirma que as artes:

[...] nos provoca a ultrapassar o bom senso estabelecido, os significados prontos, promovendo um exercício de desassossego e crítica onde podemos reinventar ao mundo e a nós mesmos em outros. [...] Olhar de poeta que aumenta a realidade com seus inventos relaciona elementos antes separados, cria novos territórios ainda inexplorados. (COSTA, FONSECA, AXT, 2014, p. 1166 apud FOUCAULT, 1990 e BARROS, 2010).

Para Wagner (2020) as artes habitam um campo flexível aos diálogos com diversos outras áreas de conhecimento, e podem favorecer a articulação de práticas e poéticas solidárias. Frente a complexidade do mundo contemporâneo, Freitas, Morin e Nicolescu (1994) defendem a transdisciplinaridade como modo de multiplicar olhares diversos, que devem ser considerados em suas singularidades e complementariedades para, assim, conseguirmos visões mais amplas sobre os problemas e, coletivamente, investigarmos possibilidades de resolvê-los. Pois, como adverte Kropotkin (2009) em análise às teorias de Charles Darwin: é a cooperação, a ajuda mútua, o bem-estar coletivo e o desenvolvimento dos integrantes de toda a espécie em harmonia com seu ecossistema que garante maior sucesso numa sobrevivência mais agradável que resulte na sua prevalência genética através das eras.

Considerações finais

Com base no que foi apresentado, acredito que a crise da pandemia de covid-19 abordada através de diálogos entre processos das artes visuais e teorias sociais críticas permite estudar esta problemática desde uma perspectiva complexa e criativa. Visto que as operações específicas das artes visuais podem contribuir com reflexões potentes que podem somar na multiplicação de olhares sobre problemas e gerar *insights* que provavelmente passam despercebidos para outros estudos desde outros campos do saber. Frente à complexidade deste problema em andamento, a complementação entre esses diversos estudos pode auxiliar na formação de perspectivas mais amplas que talvez ofereçam subsídio para a construção de futuros mais sustentáveis.

Portanto, a discussão apresentada não esgota o assunto e nem tem essa pretensão. A ideia é demonstrar uma visão particular com o intuito de compartilhar inquietações, investigações e criações despertadas pelos momentos de crise intensificados pela pandemia. Ao levantar reflexões sobre as urgências dos problemas do antropoceno e a necessidade de repensarmos nossas dinâmicas sociais, tento somar um olhar ao

nosso grande processo coletivo de construção de saberes, transmutação social e compreensão do cosmos de infinitas possibilidades que integramos.

Notas

¹ Citação original: “researchers tapping into the power of the arts are doing so in order to create new ways to see, think, and communicate.” (LEAVY, 2018, p. 3).

² Citação original: “[...] art as a critical practice solves (as such) nothing; instead it interrogates, and in its elaborations creates a space of liberation.” (MILES, 2000, p. 231).

Referências

COSTA, Luís Artur; FONSECA, Tania Mara; AXT, Margarete. **A Imagem e as Ciências Humanas: a poética visual como possibilidade de construção do saber.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 1153-1168, out./dez. 2014.

CUTTS, Steven. **Man.** Youtube, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WfGMYdalCIU>. Acesso em maio de 2020.

_____. **Man 2020.** Youtube, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DaFRheiGED0>. Acesso em maio de 2020.

DAVIS, Angela; KLEIN, Naomi. **Construindo movimentos: uma conversa em tempos de pandemia.** Tradução Leonardo Martins. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2020. Recurso digital.

DRUYAN, Ann. **Cosmos: Possible Worlds.** 1. ed. United States: National Geographic Society, 2020. Recurso digital. 378 p.

FIOCRUZ. **Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia.** 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>. Acesso em maio de 2020.

FREITAS, Lima de; MORIN, Edgar; NICOLESCU, Basarab. **Carta da Transdisciplinaridade.** Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade. Convento de Arrábida, Portugal, 2-6 novembro. 1994. Disponível em https://teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39133/tde-21052012_093302/publico/ANEXO_A_Carta_Transdisciplinaridade.pdf. Acesso em maio de 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 46 p.

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

_____. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. Recurso digital.

KROPOTKIN, Piotr. **Ajuda mútua: um fator de evolução**. São Sebastião; A Senhora Editora, 2009.

LEAVY, Patricia. Handbook of arts-based research. London: The Guilford Press, 2018.

Miles, M. **Art & social transformation: theories and practices in contemporary art for radical social change**. PhD thesis. Oxford Brookes University. 2000. 295 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus** – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2020. Recurso digital.

WAGNER, Christiane. **Art as a Source of Solidarity**. International Web-Workshop Impact of COVID-19 on Society & Culture. Banaras Hindu University. 2020. 7 p.

Matheus Ezequiel de Oliveira Meireles

Mestrando na linha de Poéticas artísticas e Processos de Criação do PPG em Arte e Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Minhas pesquisas acontecem através da prática artística que intersecciona artes, astronomia e estudos decoloniais. Tenho como princípio a defesa da importância das artes nos processos de compreensão do cosmos e construção de saberes voltados para a criação de futuros mais sustentáveis. Contato: matheusezm@discente.ufg.br